DOCUMENTÁRIOS E VÍDEOS SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL: UM ESTUDO TEMÁTICO E DE RECURSOS JORNALÍSTICOS E COMUNICACIONAIS

Ana Leticia Rodrigues Istschuk (BIC), Felipe Simão Pontes (Orientador), felipe271184@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Jornalismo.

Ciências Sociais Aplicadas. Comunicação.

Palavras-chave: comunicação audiovisual, abusos/desrespeitos e maus-tratos, YouTube, estudos feministas, jornalismo e gênero.

Resumo

Esse projeto tem por objeto uma revisão da produção de vídeos publicados no YouTube sobre violência obstétrica, um tema contemporâneo, vinculado às questões de saúde pública, de direito reprodutivo e de movimentos sociais. Partindo do caráter informacional e de denúncia, esses vídeos se multiplicaram nas redes sociais nos últimos quatro anos. O aumento está relacionado ao uso nacional e internacional da expressão “violência obstétrica” para caracterizar abusos, desrespeitos e maus-tratos ocorridos durante a assistência obstétrica e neonatal. Por meio da análise de 26 vídeos, obtidos pelo cruzamento entre os cem vídeos mais relevantes e os cem vídeos mais acessados do YouTube, foi possível notar que o formato dos audiovisuais variou bastante, assim como o tempo de duração dos vídeos. Percebe-se que o principal recurso utilizado são entrevistas com as mães e/ou coleta de relatos das mulheres que sofreram violência para exemplificar e denunciar as práticas de violação que ocorrem no momento do trabalho de parto, parto e pós-parto. Assim, considera-se o YouTube um canal para que mulheres, e militantes divulguem materiais a fim de denunciar e informar sobre o tema.

Introdução

A violência obstétrica passou a pautar discussões de gênero e de saúde coletiva a partir de 2010. A OMS reconheceu o tema no documento “Prevenção e Eliminação de Abusos, Desrespeito e Maus-tratos durante o Parto em Instituições de Saúde”, em que caracteriza práticas que impedem a parturiente, o bebê e suas famílias a terem um momento satisfatório durante o parto e nascimento.

A violência obstétrica no Brasil ganha força a partir dos movimentos por humanização do parto e nascimento. São ONG's, coletivos, redes de profissionais, grupos de mulheres que compartilham informações e estabelecem táticas de luta por melhorias na assistência obstétrica e neonatal no país. Uma das principais táticas está na produção midiática de informações e denúncias de práticas obstétricas caracterizadas como violência.

Os vídeos têm caráter de registro e são recursos utilizados na área do jornalismo que passam a assumir papel catalisador para esses grupos e movimentos. Além disso, as produções audiovisuais podem denunciar práticas inadequadas e/ou informar a respeito do tema. O mapeamento e análise dos vídeos sobre o tema contribui para identificar técnicas e recursos profissionais do jornalismo audiovisual e do cinema mais utilizados por esses produtores, as estratégias

narrativas desses produtos, bem como as formas de violências e abusos mais manifestas pelas mulheres.

As características e principais formas de manifestação da violência obstétrica são objeto de pesquisas pela Organização Mundial da Saúde, que estimula produções em vídeo e registros que aumentem as evidências sobre o tema. Entendemos que a proliferação de vídeos dessa natureza nas redes sociais carece de sistematização e este projeto pretende contribuir nesse ensejo.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar as produções audiovisuais sobre violência obstétrica publicados no YouTube de 2012 a 2018, do ponto de vista técnico e jornalístico e realizar um estudo sobre o tratamento da temática nesses produtos, por meio da identificação das formas de violência presentes nos vídeos.

Material e Métodos

A busca por palavra-chave no YouTube não disponibiliza um número total de vídeos publicados na plataforma, pois atualmente o site funciona com rolagem infinita. A plataforma tem caráter dinâmico, efêmero e de rápida atualização, o que dificulta a realização de pesquisa com listagem de vídeos como esta. Considerando essas questões, as datas dos levantamentos de vídeos foram registradas e indicadas neste artigo para que seja de conhecimento em qual período a lista de resultados foi gerada. Os levantamentos dos resultados obtidos com uso de filtros de pesquisa diferentes foram realizados no mesmo período, a fim de minimizar mudanças drásticas de hierarquia entre os materiais audiovisuais.

Na busca por “violência obstétrica” utilizando o filtro de envio por data do YouTube no dia 13 de março de 2019, observou-se que as primeiras publicações resultantes são de 2012. Estes seis anos de publicação somam 350 vídeos publicados - os resultados incluíram vídeos em português e em espanhol, devido à grafia igual do termo nos dois idiomas. Uma contagem manual até o vídeo mais antigo foi realizada para essa exploração dos resultados.

Em um cenário de 350 vídeos mapeados, critérios de seleção e exclusão foram estabelecidos para formar o *corpus* da pesquisa. Optou-se por excluir as produções em outros idiomas - predominantemente produções em espanhol - e *playlists* - por repetir vídeos que já aparecem isoladamente na busca. Quanto aos vídeos que passaram por essa primeira seleção, decidiu-se escolher apenas os que resultaram do cruzamento dos cem vídeos resultados da busca com o filtro “relevância” e dos cem “mais acessados”, ferramentas de seleção da própria plataforma. Essa lista foi levantada a partir de pesquisa feita dia 23 de novembro de 2018. O cruzamento resultou em 26 vídeos congruentes nas duas listas, que formam o nosso *corpus* de pesquisa. Os vídeos foram organizados numa planilha de dados que correspondiam a observação de recursos técnicos e de conteúdo, objetivo deste trabalho.

Resultados e Discussão

No momento da catalogação dos vídeos utilizando o filtro de “data de envio”, foi possível encontrar 9 vídeos em 2012 – primeiro ano em que publicações apareceram na busca da palavra-chave na plataforma de vídeos. No ano seguinte, 2013, foram encontrados 18. Um aumento significativo de envios acontece em 2015, quando 46 vídeos são publicados. Mas o aumento mais notável é de 2017 para 2018: no primeiro ano 54 vídeos foram carregados na plataforma, já no último foram 137. A quantidade de vídeos sobre a temática no YouTube até 2018 chegou a 350,

ou seja, há um aumento exponencial de vídeos ano a ano, superando um terço do total apenas em 2018.

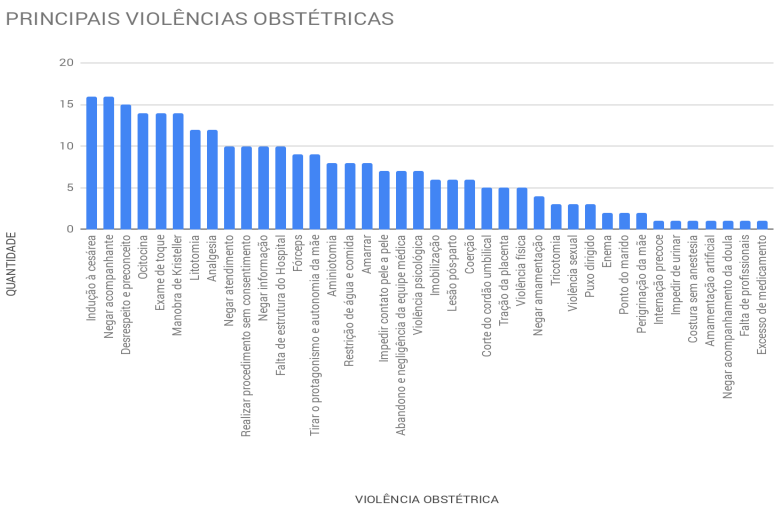
Os formatos audiovisuais levantados são variados, sendo possível encontrar produções vinculadas a canais no YouTube (10 vídeos), *trailers* (2), documentário (5), vídeos informacionais (2), materiais jornalísticos (5), palestra (1) e debate (1). O tempo dos vídeos também é variado, sendo que o mais curto um *trailer* que tem 1min03s e o mais longo é um documentário com 51min02s. Os dois vídeos mais acessados são relatos de mulheres que sofreram violência obstétrica. O de maior acesso tem 946 mil visualizações e o de menor acesso, 3.500. O vídeo mais antigo, de 2012, oferece uma apresentação animada apenas com texto, com informações sobre o que é a violência obstétrica, como identificá-la e combatê-la.

Quanto à técnica, pode-se perceber que quase todos os vídeos têm elementos de edição – apenas um não apresenta edição. Entre eles é possível notar: uso de cortes no material, variação de ângulos e quadros, uso de efeito preto e branco, uso de música como trilha sonora, uso de locução em vídeos que não são jornalísticos (diferenciando-se do *off* dos repórteres, narração realizada num VT), uso de fotografias, uso de vídeos, uso de arte e/ou texto.

Além dessas, são encontradas técnicas de apuração jornalísticas como: entrevista com fontes, busca de documentos oficiais, dados de pesquisas, serviço de como denunciar e leis para informar os direitos das mulheres e as ações que são contra a lei. Em 14 vídeos, há entrevistas e as principais fontes que aparecem são mães, profissionais da saúde, doulas e ativistas.

No geral, os conteúdos dos vídeos se assemelham, a maioria deles busca explicar o que é violência obstétrica, tipos e/ou exemplos do que pode ser considerado uma violência, os direitos das mulheres e as leis que as protegem, relato de mães e como denunciar. Nos vídeos assistidos para esta pesquisa foi possível identificar 42 tipos de violência obstétrica. Elas apareceram de várias maneiras, como na forma de relato de mães, citação de exemplos para definir o conceito, em texto, entre outras. A seguir, um gráfico com as ações caracterizadas como violência obstétrica identificadas nos 26 vídeos.

Gráfico 1 – Frequência das principais violências obstétricas presentes nos vídeos do Youtube



Fonte: autora.

Neste gráfico, é possível perceber que as principais violências presentes nos vídeos são: episiotomia e agressão verbal (17 vídeos); indução à cesárea e impedimento do acompanhante (16); desrespeito e preconceito racial, social, etário ou de peso (15); uso de ocitocina, excessivos e/ou dolorosos exames de toque, manobra de Kristeller (14); litotomia e analgesia (12); não atendimento, realização de procedimento sem consentimento, omissão de informação e falta de estrutura do Hospital (10). Nota-se que há uma homogeneidade nos relatos das violências sofridas pelas mulheres, sendo que muitas delas passam pelas mesmas situações. Além disso, em alguns vídeos do *corpus* analisado há o entendimento de que a violência obstétrica pode acontecer nos momentos de pré-natal, trabalho de parto, parto, nascimento e pós-parto.

Conclusões

O YouTube permite a veiculação e o consumo de vídeos de forma gratuita. Por isso, considera-se que a plataforma é um canal para que mulheres e militantes possam divulgar materiais a fim de denunciar a violência obstétrica. O aparecimento e aumento de produções sobre o tema pode guardar relação com a difusão de documentos importantes de caracterização de violência obstétrica, como o relatório de Violência Obstétrica da Rede Parto do Princípio. Esse aspecto merece mais estudos, pois há, a partir de 2013, uma retroalimentação entre produções midiáticas (incluindo no YouTube) e as ações governamentais e dos movimentos de mulheres.

O caráter de denúncia também aproxima as produções do YouTube do jornalismo, além do uso de técnicas jornalísticas para produção dos materiais. Por se tratar de um assunto de interesse público, vinculado à questão de saúde, direitos reprodutivos e grupos ativistas, há uma demanda de que esse tema apareça na mídia.

Destaca-se, enfim, que estudos como este, que envolve analisar relatos, depoimentos e informações sobre o tema, são importantes para a pesquisa acadêmica, pois permite que os pesquisadores compreendam e conheçam a forma como as mulheres brasileiras entendem a violência obstétrica.

Agradecimentos

À Fundação Araucária, pela concessão de bolsa para realização desta pesquisa.

Referências

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). ***Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.

OMS – Organização Mundial da Saúde. **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde.** OMS, 2014. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO_RHR_14.23_por.pdf;jsessionid=898199834258AED5604EC576C21EA4FF?sequence=3>. Acesso em 04/jun/2018.

ROCHA, A.; PONTES, F. Narrativas Testemunhais de um Grande Acontecimento: uma análise de 295 vídeos sobre o “Massacre de 29 de Abril” publicados no Youtube. **Revista Temática**, João Pessoa, v. 14, n. 2, fev. 2018.